

PRÁTICAS PARENTAIS DE EDUCAR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Fernando de Almeida Silva ¹ e Cristiane de Magalhães Porto ²

Resumo

O estudo teve por objetivo discutir sobre as práticas parentais que favorecem o desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes no contexto da pandemia de Covid-19, analisando as epistemes de família na sociedade contemporânea e os estilos parentais de educar advindos dos contextos familiares no final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI. A qualidade das relações humanas, conforme estudos realizados, pode favorecer o desenvolvimento tanto da pessoa (experiência de integração) quanto da sociedade (fonte de socialização e educação). Trata-se de uma abordagem qualitativa de cunho teórico/bibliográfico e exploratório nas epistemes de família defendidas por Urie Bronfenbrenner (bioecológica) e Pierpaolo Donati (relacional); nas investigações sobre os estilos parentais de educar desenvolvidos pela professora Dra. Lídia Weber da Universidade de Brasília; e nas formas de envolvimento que podem interferir no desenvolvimento infanto-juvenil, indicadas pela socióloga norte-americana Joyce Epstein. Os resultados da pesquisa indicam a importância da família para o processo de desenvolvimento humano que tem origem na infância e se estende por toda a vida por meio de afetos e vínculos parentais.

Palavras-chave: Família; Educação; Covid-19.

PARENTAL PRACTICES TO EDUCATE CHILDREN AND ADOLESCENTS IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC

Abstract

The objective of the study is to discuss parenting practices that favor the educational development of children and adolescents in the context of the Covid-19 pandemic, analyzing family epistemes in contemporary society and parenting styles arising from family contexts at the end of the 20th century and in the first decades of the 21st century. The quality of human relationships, according to studies carried out, can favor the development of both the person (integration experience) and society (source of socialization and education). It is a qualitative approach of a theoretical/bibliographic and exploratory nature in the epistemes

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT), Aracaju / SE. Professor da Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia e da Rede Municipal de Educação de Jaguaquara / BA.

² Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (UNIT).



of family defended by Urie Bronfenbrenner (bioecological) and Pierpaolo Donati (relational); in investigations on parenting styles of parenting developed by Professor Dr. Lídia Weber – University of Brasília; and the forms of involvement that can interfere with children's development, indicated by the North American sociologist Joyce Epstein. The research results indicate the importance of the family for the process of human development that originates in childhood and extends throughout life through affections and parental bonds.

Keywords: Family; Education; Covid-19.

1. Introdução

As diversas transformações que ocorreram na sociedade moderna e, conseqüentemente na sociedade contemporânea, sobretudo aquelas no campo econômico, político e cultural provocaram mudanças no conjunto de relações pessoais e sociais que constituem a vida familiar, levantando a possibilidade de seu desaparecimento, algo que não ocorreu (PETRINI, 2004). O exercício da parentalidade desenvolvido na família deve ser elucidado, conforme Petrini (2004), por uma liberdade adequada, sobretudo no atual contexto da pandemia de Covid-19.

O artigo propõe a discussão sobre as práticas parentais que favorecem o desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes no contexto de pandemia de Covid-19 numa perspectiva relacional, ao tempo que analisa as epistemologias de família e os estilos parentais de educar que subjazem as relações familiares. Intui, nesse sentido, que a família continua sendo um recurso para a pessoa e a sociedade (PETRINI, 2004), local de exercício da cidadania.

A crise epidemiológica de Covid-19 tem provocado mudanças repentinas na rotina familiar e agravado aspectos da vida diária, comprometendo a saúde física e emocional das pessoas (ALMEIDA; REGO; TEIXEIRA; MOREIRA, 2022). Essas mudanças evidenciam várias possibilidades de compreensão dos contextos familiares e, não diferente, de práticas parentais para o desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes. Propomos nesse sentido, uma pesquisa qualitativa, de cunho teórico-bibliográfico e exploratório a fim de aprofundar algumas das principais abordagens sobre família (epistemologias) e, por conseguinte, ressaltar as implicações de vínculos e práticas parentais de educar para o desenvolvimento humano, sobretudo para crianças e adolescentes no contexto pandêmico.

Diante das repercussões (econômica, social e política) da Covid-19, surge a necessidade de um planejamento de enfrentamento, cujas estratégias garantam a integridade física e mental de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade dos vínculos familiares. Não há dúvida de que a pandemia precarizou as relações parentais e fez emergir uma série de inseguranças intrafamiliares.

A relevância social da pesquisa consiste em contribuir com os estudos sobre as práticas e/ou estilos parentais de educar crianças e adolescentes no



contexto de pandemia de Covid-19, ressaltando a importância da qualidade dos vínculos e das práticas parentais que podem favorecer o processo de desenvolvimento humano, sobretudo, a aprendizagem dos educandos numa perspectiva relacional de parentalidade responsável.

2. Metodologia

A metodologia utilizada, por se tratar de uma abordagem qualitativa, é a revisão teórico-bibliográfica e exploratória de algumas obras de Urie Bronfenbrenner (abordagem bioecológica de família) e Pierpaolo Donati (abordagem relacional de família); estudos sobre os estilos educativos parentais de educar crianças e/ou adolescentes desenvolvidos pela professora Dra. Lídia Weber da Universidade de Brasília (UNB); e sobre as formas de envolvimento parental que podem interferir diretamente no desenvolvimento infanto-juvenil, indicadas pela socióloga norte-americana Joyce Epstein.

A seleção das obras apresentadas nos quadros abaixo se justifica pela relevância das pesquisas no final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI sobre o núcleo discursivo do estudo (família, educação, Covid-19), sendo também este o critério de inclusão adotado no artigo. Nesse sentido, o itinerário metodológico compreende a utilização dessas obras e de artigos científicos selecionados em algumas bases de dados, conforme as seguintes palavras-chave: família; educação; Covid-19.

Quadro 1: Principais obras selecionadas.

Título	Autor	Ano
A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.	Urie Bronfenbrenner	1996
Família no século XXI: abordagem relacional.	Pierpaolo Donati	2010
Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites.	Lidia Natalia Dobrianskyj Weber	2017

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Quadro 2: Artigos selecionados

Título	Base de dados	Autores/as	Ano
Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model.	<i>Pepsic</i>	Urie Bronfenbrenner	1994
The ecology of developmental processes.	<i>Scielo</i>	Urie Bronfenbrenner; Pamela Morris	1998

Resumo da Educação: Leituras Essenciais Condensadas para a Revisão Rápida.	<i>Google Acadêmico</i>	Joyce Levy Epstein; Natalie Rodrigue Jansorn	2004
A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano.	<i>Scielo</i>	Maria Auxiliadora Dessen; Ana da Costa Polonia	2007
School/Family/Community/Partnerships: caring for the children we share.	<i>Google Acadêmico</i>	Joyce Levy Epstein	2010
Estudando a Família em Desenvolvimento: Desafios Conceituais e Teóricos.	<i>Scielo</i>	Maria Auxiliadora Dessen	2010
Parentalidade e desenvolvimento infantil em tempos de pandemia.	<i>Google Acadêmico</i>	Yara Rodrigues De La Iglesia	2020
Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática.	<i>Scielo</i>	Isabelle Lina de Laia Almeida et al.	2022

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Importa dizer que o estudo não tem a pretensão de esgotar as discussões sobre tema, mas corroborar com as pesquisas que já vem sendo desenvolvidas atualmente, sobretudo as que indicam as melhores práticas parentais de educar em tempos de pandemia de Covid-19.

3. Epistemes de família na sociedade contemporânea

A família está em mudança (JACQUET; COSTA, 2004) e essas mudanças interferem diretamente nos vínculos que a constitui perante a sociedade. A opção por uma epistemologia de fortalecimento dos vínculos não pode ser ingênua, muito menos negar a função social que a família deve exercer no processo de desenvolvimento humano. Ainda que o paradoxo seja inevitável diante dos dinamismos próprios das relações sociais, “a família é a primeira estrutura que sustenta e suporta este vínculo de solidariedade intergeracional em relação ao cuidado da vida” (MORANDÉ, 2005, p. 23).

Na concepção sistêmica, a família é compreendida “como um sistema complexo, composto por vários subsistemas que se influenciam mutuamente” (DESSEN, 2010, p. 213). Conforme Dessen (2010), a família muda quando a sociedade muda e quando todos os membros são afetados por pressões internas e externas. A pandemia de Covid-19, nesse sentido, além do trágico custo de vidas humanas, modificou o conjunto de relações internas e externas da família por conta da necessidade de distanciamento e isolamento social (DE LA IGLESIA, 2020).

Para que possamos aprofundar sobre as práticas parentais de educar no contexto da pandemia, faz-se necessária uma breve explanação das teorias de Urie Bronfenbrenner e Pierpaolo Donati sobre as epistemes familiares. Deve-se,

pois, ressaltar que o fortalecimento e/ou fragilidade dos vínculos familiares podem impactar diretamente todo o processo de desenvolvimento de uma pessoa, seja ela criança, adolescente ou adulto.

3.1 Família na perspectiva bioecológica de Urie Bronfenbrenner

A abordagem Bioecológica de Urie Bronfenbrenner³ surgiu na década de 70 (setenta) nos Estados Unidos, tecendo “uma séria crítica ao modo tradicional de se estudar o desenvolvimento humano, referindo-se [...] à grande quantidade de pesquisas concluídas sobre desenvolvimento fora do contexto” (MARTINS; SZYMANSKI, 2004, p.69). A relevância da teoria está justamente em estudar a pessoa no contexto de suas relações proximais, fundamental aos estudos de/sobre família.

Os elementos essenciais na composição do Modelo Bioecológico são os processos proximais, ou seja, “formas particulares de interação entre organismo e ambiente, que operam ao longo do tempo e compreendem os primeiros mecanismos que produzem o desenvolvimento humano” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 994).

O Modelo Bioecológico proposto por Bronfenbrenner (processo, pessoa, contexto e tempo – PPCT) tem uma característica multidirecional que aborda as diversas influências dos ecossistemas na vida das pessoas em seus distintos níveis, como veremos a seguir:

a) Processo: formas particulares de interação (BRONFENBRENNER; CECI, 1994); são os primeiros mecanismos que dão início ao desenvolvimento humano, destacando-se as atividades de pai com filho, crianças com crianças, leitura, aprendizagem de habilidades, aquisição de novos conhecimentos, entre outras. Nas palavras dos autores, são por analogia, máquinas ou motores do desenvolvimento (BRONFENBRENNER; CECI, 1994).

b) Pessoa: no modelo bioecológico de desenvolvimento humano “as características da pessoa funcionam tanto como produtor indireto e como produto do desenvolvimento” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996). Segundo Bronfenbrenner (1996), só é possível haver desenvolvimento se houver relações recíprocas e progressivas entre as pessoas, objetos e símbolos que fazem parte dos seus ambientes imediatos.

c) Contexto: “um conjunto de estruturas aninhadas, cada uma dentro da outra como um conjunto de bonecas russas” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 1013). A definição dessa categoria é muito importante para o Modelo Bioecológico, pois “abrange tanto os ambientes mais imediatos em que a pessoa vive quanto àqueles que jamais teve acesso” (MARTINS; SZYMANSKI, 2004, p. 66). Pode ser classificado como:

³ Psicólogo radicado nos Estados Unidos que criou a Teoria Bioecológica do desenvolvimento humano, analisando as mudanças de comportamento do indivíduo e os sistemas ambientais que influenciam o seu desenvolvimento (Enciclopédia do Novo Mundo, 2015).

Microsistema: “um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento num dado ambiente com características físicas e materiais específicas” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18). Entende-se que a família é um microsistema onde devem ocorrer processos de interação e transmissão de valores e funções entre seus membros.

Mesosistema: composto por microsistemas, que inclui interrelações entre dois ou mais ambientes que a pessoa participa ativamente. “São os elementos familiares do ambiente: atividades molares, papéis e estruturas interpessoais na forma de díades” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 21). Aqui estão incluídas algumas relações que a criança estabelece em casa, na escola, com os amigos e com as demais realidades do seu contexto.

Exossistema: uma característica fundamental desse sistema é a não participação direta da pessoa nas relações que constituem o ambiente, embora sofra influência delas. Um exemplo pode ser “o local de trabalho dos pais, uma sala de aula de um irmão mais velho, a rede de amigos dos pais, as atividades da diretoria da escola local” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 21).

Macrossistema: é “a consistência observada dentro de uma dada cultura ou subcultura na forma e conteúdo de seus micro-, meso- e exossistemas constituintes” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 197). Padrão global que envolve ideologias, crenças, valores e religião que influencia o desenvolvimento humano, reverberando nas interrelações pessoais mais simples de cada indivíduo (BRONFENBRENNER, 1996).

d) **Tempo:** indica o conjunto de mudanças e transformações ocorridas tanto nas sociedades primitivas quanto nas contemporâneas (BRONFENBRENNER, 1996). O cronossistema (tempo) está presente nos “pequenos episódios da vida familiar, como a entrada da criança na escola, o nascimento de um irmão ou a mudança de trabalho dos pais” (MARTINS; SZYMANSKI, 2004, p. 66).

A perspectiva bioecológica compreende a família como um sistema aberto que exerce e sofre influências de múltiplos elementos internos e externos à sua constituição enquanto estrutura social. A convivência qualitativa, afirma Cortella (2017), por menor que seja o período, enriquece as relações (internas e externas) e fortalece os vínculos numa dinâmica de responsabilidade e reciprocidade genuinamente familiar.

3.2 Família na perspectiva relacional de Pierpaolo Donati

A abordagem Relacional da Família proposta Pierpaolo Donati⁴ supõe que “a identidade da família não repousa em um fato material objetivável [...] nem numa característica subjetiva [...], mas no fato de ser uma relação social”

⁴ Doutor em sociologia e professor titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Bolonha - Itália, com vasta produção científica na área de família (DONATI, 2008).

(DONATI, 2008, p. 65). Ao contrário da concepção bioecológica, Donati (2008) entende que a família não é um aglomerado de indivíduos, muito menos, apenas uma mera estrutura social; a compreende “como lugar-espaco (a casa), célula da sociedade (por analogia orgânica com o organismo biológico), modelo (padrão simbólico), relação social” (DONATI, 2008, p. 49). É importante ressaltar que o conceito ‘relação’ não se refere a uma mistura de indivíduos e sistemas; também não é sincrético, pois não tem a pretensão de igualar as relações familiares a qualquer tipo de relação ou combinação de variáveis.

A família é como “uma entidade que as ciências sociais hoje chamam com um termo inglês, intangible” (DONATI, 2008, p. 66), uma realidade intangível, que entendemos transcender a jurisprudência das leis. “O vínculo que une seus membros entre si os envolve na totalidade de seu ser pessoa e com total indeterminação de sua vigência temporal” (MORANDÉ, 2005, p. 17).

Conforme Petrini e Dias (2015, p. 69), existe “uma pluralidade de formas familiares que reivindicam o reconhecimento e legitimidade social, sob a onda de reivindicações internas e de pressões internacionais”. A pretensa falta de identidade específica da família, onde as pessoas se agregam e desagregam com certa fluidez, afirma Donati (2008), é consequência dos dinamismos latentes da sociedade.

3.2.1 Pluralização das formas familiares

A pluralização da família produz relações afetivas e de cuidado recíproco, mas ainda que se possam reconhecer tais convivências, postula Donati (2008), quais seriam os requisitos e/ou qualidades necessárias entre as pessoas para dizer que aqui ou acolá existe uma família? É nesse imbróglio epistêmico que o sociólogo italiano vai tecendo sua abordagem relacional de família, como veremos a seguir:

a) Pluralismo familiar como produto de uma revolução determinista – supõe que as mudanças que ocorrem na família são resultado da dissolvença da família tradicional (DONATI, 2008). “O matrimônio torna-se um vínculo excessivamente constritivo e oneroso, a sexualidade se separa da fecundidade, ter filhos passa ser uma escolha excepcional” (DONATI, 2008, p. 67).

b) Pluralismo familiar como uma tendência negativa (autodestrutiva, regressiva, degradação social) – conforme Donati, “gera modos de vida incapazes de representar soluções satisfatórias e estáveis nas relações entre os sexos e entre as gerações” (DONATI, 2008, p. 68).

O processo de fragmentação da cultura está presente em ambas as formas de pluralismo da família e, certamente deverá incidir sobre os novos arranjos e/ou configurações familiares (PETRINI, 2004). Para Petrini (2004, p. 26), “somente a experiência de algumas gerações poderá mostrar se algumas opções foram mais favoráveis para a construção de uma vida familiar e social mais correspondente às exigências humanas”.

Quando tudo passa a ser família, fica evidente a ausência de uma linguagem adequada para defini-la (DONATI, 2008). Essa ausência de uma

linguagem adequada, indica Donati (2008), é uma das características que teve seu início na modernidade e se estendeu à sociedade contemporânea como formas plurais de família: Pluralidade tradicional de família - refere-se a culturas estáveis, com base étnica e religiosa, onde o termo tradicional é utilizado no sentido de identidade fixa ou rígida e deve ser desclassificada; Pluralidade moderna da família - diz respeito à diversificação que introduz uma variedade de contingência na identidade familiar; e Pluralidade pós-moderna da família - torna contingente cada aspecto que constitui a família, portanto a pluralidade torna-se sinônimo de desorientação e desagregação familiar.

3.2.2 Genoma Familiar: Dom, Reciprocidade, Generatividade e Sexualidade

A família possui uma estrutura latente (não aparente, subtendido), um “núcleo constitutivo”, denominado genoma familiar (DONATI, 2008). O genoma, conjunto de toda a informação genética de um indivíduo ou de uma espécie, confere identidade social à família, cuja relação “consiste no entrelaçamento combinado de quatro elementos ou componentes ligados entre si: o dom, a reciprocidade, a generatividade e a sexualidade” (DONATI, 2008, p. 78).

Dom: caracterizado pela gratuidade, doação agápica e que não é dirigido a um estranho, portanto, a quem é reconhecido como esposo, esposa, filho ou filha (DONATI, 2008). O amor familiar não está direcionado a qualquer coisa, pois tem “um princípio de vida, um manancial de iniciativa, o centro de um mundo, uma força de afeição” (BOTTURI, 2013, p. 145).

Reciprocidade: o vínculo e o reconhecimento de seus membros no amor conjugal fazem parte da reciprocidade familiar (DONATI, 2008). As famílias, conforme Fornasier (2018), na experiência do amor, se expandem nos filhos e se abrem aos outros na amizade, hospitalidade e solidariedade.

Generatividade: é a identidade do casal, que se exerce e se constitui como acolhimento do outro na sua identidade e diferença (DONATI, 2008). “A generatividade humana significa um universo antropológico: gêneses e vínculo, responsabilidade e fidelidade, acolhimento e proteção, cuidado e educação, transmissão e tradição” (BOTTURI, 2013, p. 146).

Sexualidade: intimidade sexual que está ligada por um vínculo familiar, não de qualquer forma ou com qualquer um, pondera Donati (2008). O exercício da sexualidade, adverte o autor, não deve estar desvinculado das implicações relacionais, ou seja, expressando apenas a fruição erótica individual; ao contrário, é “feita de relações entre sujeitos-em-relação” (DONATI, 2008, p. 101).

A família é “habitat mais adequado para acolher o ser humano” (PETRINI, 2009, p. 114); é nela que “se encontra, em primeiro lugar, o banco de provas de todas as promessas humanas capazes de expressar a identidade e vocação do próprio ser humano” (FORNASIER, 2018, p. 521). Isso significa dizer, indica Petrini (2009), que não se trata apenas de um grupo social que expressa afetos,

emoções e sentimentos; portanto, não se deve reduzi-la aos interesses coletivos de uma suposta preocupação pública.

Para além dos paradigmas individualistas e holistas, é necessário orientar-se rumo a um paradigma autenticamente relacional, segundo o qual as mudanças sociais da família consistem na emergência de realidades sociais praticadas por sujeitos que estão em relação entre si (DONATI, 2008, p. 94).

De acordo com Tavares e Nogueira (2013), a educação envolve duas importantes instituições sociais que é a família e a escola; o distanciamento entre essas instituições pode trazer consequências à aprendizagem escolar. As pesquisas indicam, discorrem as autoras, que esse distanciamento vem sendo superado, pois "a família foi percebendo que o acompanhamento dos estudos é uma necessidade, tanto para verificar o desenvolvimento dos filhos, quanto para estimulá-los" (TAVARES; NOGUEIRA, 2013, p. 50).

4. Práticas e/ou estilos parentais de educar no contexto da pandemia de Covid-19

A pandemia de Covid-19 é, sem sombra de dúvidas, um dos acontecimentos mais extremos que a humanidade está enfrentando nas primeiras décadas do século XXI por sua extensão, duração, continuidade e consequências na vida das pessoas (DE LA IGLESIA, 2020).

Para a educação do século XXI, Delors (2005, p. 196) afirma que "os meios de vida, de estudos, por onde circulam os aprendizes são tão importantes quanto às atividades educacionais que abrigam". É preciso identificar os 'microespaços' das relações intrafamiliares, sua dinâmica e configuração, especialmente as relações afetivas desenvolvidas entre os seus membros e, conseqüentemente, das famílias com a escola (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

O compromisso com a educação dos seus filhos é um requisito legal, previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96). O dever da família, enquanto proposta de desenvolvimento, afirmam Tavares e Nogueira (2013), diz respeito à parentalidade,⁵ embora possam ser exercidas por cuidadores como as avós, tios, entre outros.

A crise sanitária advinda da pandemia, discorre De La Iglesia (2020), acentuou além de problemas econômicos e sociais, a fragilização dos vínculos familiares e práticas parentais com fechamento de escolas, desemprego dos pais e/ou redução salarial, questões que reforçam a desigualdade no Brasil muito antes do surgimento da pandemia.

Pensar sobre os fundamentos epistemológicos da família, independentemente da diversidade de arranjos familiares, levam-nos ao

⁵ Termo utilizado para se refletir simultaneamente a paternidade e a maternidade, mas que envolve um complexo processo de desenvolvimento e requer uma série de reorganizações psíquicas e afetivas (EI, 2018).

entendimento de que ela é o primeiro contexto socializador, estrutura social mais adequada de desenvolvimento humano. Embora não seja o único contexto, tem a responsabilidade formal de cuidar e educar crianças e adolescentes em suas distintas fases de desenvolvimento (ALMEIDA et al., 2022).

O teor discursivo da pesquisa indica questões que devem ser pensadas a partir da parentalidade e suas diversas maneiras de exercê-la, considerando que se trata de um tema complexo e recorrente na sociedade contemporânea.

Ao longo das últimas décadas, pesquisadores de diferentes disciplinas se concentraram em analisar a influência da família na educação dos filhos, uma vez que a pesquisa empírica tem mostrado repetidamente que os diferentes comportamentos dos pais no processo de socialização têm diferentes implicações para o bem-estar de seus filhos (DE LA IGLESIA, 2020, 1583).

4.1 Parentalidade: responsabilidade e envolvimento

A socióloga norte-americana Joyce L. Epstein⁶ (2010), depois de várias pesquisas, identificou formas de envolvimento parental (cuidado) que podem interferir diretamente no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Discorreremos sobre duas categorias parentais (responsabilidade e envolvimento), que conforme essas pesquisas, reverberam positivamente no fortalecimento dos vínculos familiares.

Parentalidade: responsabilidade e obrigações essenciais dos pais – são ações e atitudes que a família deve exercer para o desenvolvimento integral dos filhos, como cuidar da saúde, educação, alimentação, segurança, entre outras (EPSTEIN, 2010). Os lares devem se tornar ambientes que favoreçam níveis de aprendizagem, incluindo, de acordo com Dessen e Polonia (2007), acompanhamento contínuo dos hábitos de estudos e tarefas escolares. Para Epstein e Jansorn (2004), os alunos que conseguem sucesso na aprendizagem escolar, na maioria das vezes, são aqueles que têm apoio familiar, embora alguns consigam mediante esforço puramente pessoal.

Envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem – conforme Epstein (2010, p. 84), a escola deve “fornecer informações e ideias para as famílias ajudarem os estudantes em casa”. De acordo com a autora, é preciso, pois, “horário regular de lição de casa que requer que os alunos discutam e interajam com as famílias o que estão aprendendo em classe” (EPSTEIN, 2010, p. 84). Dessen e Polonia (2007) afirmam que esse tipo de envolvimento/cuidado são estratégias que os pais utilizam para acompanhar as atividades de seus filhos. Existe uma responsabilidade relacionada ao conceito de parentalidade que inclui “a tomada de consciência das necessidades sociais, emocionais, cognitivas e físicas da criança bem como a providência para atendê-la” (MOREIRA; RABINOVICH, 2016, p. 149).

⁶ PhD em Sociologia, diretora do Centro de Parcerias Escolares, Familiares e Comunitárias da Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Estados Unidos (KAPPAN, 2010).

4.2 Estilos parentais de educar

A Profa. Dra. Lídia Weber (2017), pesquisadora da Universidade de Brasília sobre o desenvolvimento familiar, apresenta diferentes estilos parentais de educar, ou seja, conjunto de práticas parentais e comportamentos que devem ser adotados por pais/parentes na educação de crianças e adolescentes. Nas conclusões de sua pesquisa, ainda que anteriores ao contexto da pandemia de Covid-19, porém necessário para o momento, fica evidente que indivíduos educados por diferentes estilos parentais apresentam variações no desenvolvimento da autonomia, autoestima e maturidade.

Estilo parental autoritário: uma das principais características desse estilo é o excesso de autoridade e a ausência de relações afetivas na família (WEBER, 2017). Para De La Iglesia (2020, p. 1587), "pais autoritários tendem a moldar e controlar o comportamento dos filhos sempre que possível, utilizando abordagens diretas e coercitivas". São pais que respondem pouco às necessidades emocionais dos filhos.

Estilo parental permissivo: o sentimento de culpa por trabalhar demais e por ter sido vítima de estilo parental autoritário, faz com que a família ceda às vontades dos seus filhos (WEBER, 2017). Uma das dificuldades desse estilo, pois, consiste em estabelecer regras e limites a um ambiente contaminado pelo excesso de afetividade. "É um estilo de educar que não permite que a criança [...] aprenda a lidar com frustrações" (EI, 2018, p. 60).

Estilo parental negligente: os pais tendem a ser distantes, inconsistentes e imprevisíveis; não fazem questão de escutar a criança ou de participar da vida dela (WEBER, 2017). De La Iglesia (2020, p. 1587) pontua que "os pais negligentes tendem a limitar o tempo que passam em suas tarefas parentais, e muitas vezes estão focados em seus próprios interesses".

Estilo parental participativo: a educação é entendida como um movimento que envolve amor, disciplina e respeito, independentemente de qual seja o contexto familiar (WEBER, 2017). Em outras pesquisas, esse estilo é denominado indulgente, justamente por promover ambientes de aceitação, diálogo e afeto (DE LA IGLESIA, 2020). Estudos comparativos realizados em países europeus descobriram que as crianças de lares com pais que tinham como forma de educar um estilo participativo/indulgente obtiveram melhores resultados em autoestima e desempenho escolar (DE LA IGLESIA, 2020).

A influência da família como agente educativo deve gerar vínculos afetivos que reverberam de forma positiva na aprendizagem de crianças e adolescentes (DESSEN; POLONIA, 2007). As funções autorregulatórias (habilidades de monitorar e assessorar emoções, cognições e comportamentos) em crianças e adolescentes ainda estão em fase de desenvolvimento, por isso precisam de interação com os adultos para que se desenvolvam de forma saudável.

5. Considerações finais

As práticas parentais que favorecem o desenvolvimento de crianças e adolescentes no contexto da pandemia de Covid-19 resultam de um sistema de



crenças e valores que constituem o fortalecimento dos vínculos e afetos familiares no atual contexto social. Mesmo que a família tenha sido afetada por inúmeras mudanças em sua estrutura funcional, continua sendo uma referência fundamental para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, lócus da gênese dos processos afetivos, lugar mais adequado de integração dos impulsos socioemocionais de crianças e adolescentes.

Conforme a revisão teórico-bibliográfica e exploratória sobre as epistemes de família e os estilos parentais de educar advindos dos afetos e vínculos familiares, podemos intuir que demonstrações de carinho, cuidado, compreensão e apoio ajudam na adaptação psicossocial dos indivíduos, conseqüentemente, favorecem o processo tanto de ensino quanto de aprendizagem.

Em relação ao objetivo da pesquisa, que é discutir sobre as práticas parentais que favorecem o desenvolvimento educacional de crianças e adolescentes no contexto da pandemia de Covid-19, é possível afirmar que a prática e/ou estilo parental participativo parece ser a estratégia mais adequada de enfrentamento da Covid-19 e fortalecimento dos vínculos familiares, pois estabelece um conjunto de relações pautadas na comunicação aberta, na escuta e no diálogo entre as pessoas. Acreditamos que o objetivo fora contemplado, ainda que necessite de mais estudos para solucionar possíveis questões que permanecem sem respostas.

Espera-se que a criança e o adolescente façam a experiência de serem acolhidos e amados em seus diversos estágios de desenvolvimento, a fim de reconhecerem a importância das variáveis biológicas, sociais, culturais e históricas de sua pertença familiar, conforme indicam as abordagens bioecológica e relacional de família.

Após apresentar as epistemes de família e os estilos/práticas parentais de educar, pode-se perceber que mesmo estando em mudança, a família, de fato, constitui uma unidade de afetos, vínculos de convivência, fonte de humanização, educação e socialização dos indivíduos, fundamental ao desenvolvimento integral do ser humano, sobretudo de crianças e adolescentes em seus processos de aprendizagem no atual contexto da pandemia de Covid-19.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Isabelle Lina de Laia; REGO, Jaqueline Ferraz Rego; TEIXEIRA, Amanda Carvalho Girardi; MOREIRA, Marília Rodrigues. Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 40, p. 1-09, 2022.

BOTTURI, Francesco. Família na filosofia contemporânea: o debate natureza e cultura. In: ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos de; RABINOVICH, Elaine Pedreira; PETRINI, Giancarlo (Orgs.). **Família, natureza e cultura**: cenários de uma transição. Salvador: EDUFBA, 2013, p. 127-150.



BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, 23 dez. 1996.

BRONFENBRENNER, Urie; CECI, S. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. **Psychological Review**, Washington, n. 101, p. 568-586, 1994.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. (orgs.). **Handbook of child psychology**, v. 1: Theoretical models of human development. New York: John Wiley, 1998.

CORTELLA, Mario Sergio. **Família: urgências e turbulências**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

DE LA IGLESIA, Yara Rodrigues. Parentalidade e desenvolvimento infantil em tempos de pandemia. **Revista Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v.12, n.3, p.1578-1601, set./dez. 2020.

DELORS, Jacques. **A educação para o século XXI: questões e perspectivas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 36, p. 21-32, 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora. Estudando a Família em Desenvolvimento: Desafios Conceituais e Teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. 30, p. 202-219, 2010.

DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. Tradução João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

ENCICLOPÉDIA do Novo Mundo. Versão online (2015). Disponível em: https://www.newworldencyclopedia.org/entry/Urie_Bronfenbrenner. Acesso em: 25 fev. 2022.

EPSTEIN, Joyce; JANSORN, Natalie Rodriguez. Resumo da Educação: Leituras Essenciais Condensadas para a Revisão Rápida. **Education Digest**, Phoenix, v. 69, n.6, p. 19-23, fev. 2004.

EPSTEIN, Joyce. School/Family/Community/Partnerships: caring for the children we share. **Kappan**, Baltimore, v. 92, 3. ed. p. 81-96, 01 nov. 2010.

FORNASIER, Rafael Cerqueira. Liberdade, relação, pertença e dom na família: contribuições da sociologia de Pierpaolo Donati e da filosofia de Francesco Botturi. **Estudos Teológicos São Leopoldo**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 508-522, 2018.

JACQUET, Christine; COSTA, Livia Fialho. **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 1, p. 63-77, 2004.

MORANDÉ, Pedro Court. Família e sociedade contemporâneas. *In*: PETRINI, João Carlos; CAVALCANTE, Vanessa Ribeiro Simon. (Org.). **Família, sociedade e subjetividades**: uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Atividades e relações familiares maternas e paternas em contextos de estratos médios no Brasil e em Salvador. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (Org). **Relações Familiares**: coleção de estudos sobre família, v. II. Curitiba: CRV, 2016.

PETRINI, João Carlos. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. *In*: JACQUET, Christine; COSTA, Livia Fialho. (Org.). **Família em mudança**. São Paulo, Companhia Ilimitada, 2004.

PETRINI, João Carlos. Significado Social da Família. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Minas Gerais, v.16, n. 18+19, p. 111-121, 2009.

PETRINI, João Carlos; DIAS, Marcelo Couto. **Família no debate cultural e político contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2015.

TAVARES, Camila Mendes Martins; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria. **Revista Formação@Docente**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 43-57, 2013.

WEBER, Lídia. **Eduque com carinho**: equilíbrio entre amor e limites. Curitiba, Jauá Editora, 2017.

Recebido em: 29 de novembro de 2022.

Aceito em: 06 de março de 2023.

Publicado em: 17 de junho de 2023.

